

"Opressão", por Marilyn Frye, do livro "Políticas da Realidades: Ensaio sobre Teoria Feminista."

("Oppression", Marilyn Frye, from "Politics of Reality: Essays on Feminist Theory".

19 June 2014)

É reivindicação fundamental do feminismo que mulheres são oprimidas. A palavra "opressão" é uma palavra forte. Ela repele e atrai. É perigosa e perigosamente ameaçada de extinção por estar na "moda". É constantemente usada erroneamente, por vezes não por inocência.

A afirmação de que mulheres são oprimidas frequentemente bate de frente com a de que homens são oprimidos também. Nós ouvimos que a opressão é opressiva para aqueles que oprimem tanto quanto para aqueles que são oprimidos. Alguns homens citam como evidência de sua opressão sua incapacidade para chorar. "Somos ensinados", eles nos dizem, "a sermos masculinos". Quando os estresses e frustrações de ser um homem são citados como evidência que os opressores estão sendo oprimidos pela opressão, a palavra "opressão" está sendo então completamente esvaziada e perdendo seu sentido; é tratada como se fosse aplicável a toda e qualquer experiência humana de limitação ou sofrimento, não importa a causa, grau ou consequência. Uma vez que esse tipo de uso da palavra nos é imposto, parece que, se negamos que alguma pessoa ou grupo é oprimido, então pensamos que essa pessoa ou grupo nunca sofre ou não tem sentimentos. Nós somos acusadas de insensibilidade, até mesmo de fanatismo. Para mulheres essas acusações são especialmente intimidadoras, já que sensibilidade é uma das poucas virtudes tidas como femininas. Se nós somos taxadas de insensíveis, temos medo de não termos mais salvação, e de que talvez não sejamos mais mulheres de verdade. Somos silenciadas antes mesmo de começar: o nome de nossa situação é esvaziada de sentido e nossos mecanismos de culpa são ativados.

Mas isso não faz sentido. Seres humanos podem ser miseráveis sem serem oprimidos, e é perfeitamente consistente negar que uma pessoa ou grupo é oprimido sem negar que eles têm sentimentos e que eles sofrem. Nós precisamos pensar claramente sobre essa palavra "opressão", e há muito mais atenuantes que vão contra esse tipo de uso arbitrário. Eu não quero ter que me ocupar de provar que mulheres são oprimidas (e que homens não são), mas eu quero deixar claro o que está sendo dito quando nós usamos essa palavra. Nós precisamos dessa palavra, desse conceito, e necessitamos que ele esteja bem afiado e definido.

I

A origem da palavra "opressão" é o elemento "pressão". "A pressão da multidão; pressionado a entrar para o serviço militar; pressionar um par de calças; máquina impressora; pressionar o botão." Pressões são usadas para moldar coisas, compactá-las ou reduzi-las a granel, por vezes espremendo para fora os gases ou líquidos dessa coisa. Algumas vezes pressão é o que está compreendido entre forças e barreiras que estão ligadas umas as outras e conjuntamente contêm, restringem ou impedem o movimento ou a mobilidade de alguma coisa. Molde. Imobilizar. Reduzir.

A experiência mundana dos oprimidos nos dá outra pista. Um dos mais característicos e ubíquos aspectos do mundo que é experimentado por pessoas oprimidas é o chamado "nó duplo": situações nas quais nossas opções são reduzidas a muito poucas e todas elas vêm com penas, censuras e depravações. Por exemplo, é constantemente demandado de nós, pessoas oprimidas, que sorriamos e sejamos simpáticas. Se nós concordamos, sinalizamos doçura e aquiescência. Então, obviamente, parece que está tudo bem e não há nada de errado com a situação na qual nos encontramos. Nós concordamos em sermos invisibilizadas, em não ocuparmos nosso espaço. Nós participamos de nosso próprio apagamento. Por outro lado, se escolhermos não obedecer, o menor sinal de descontentamento nos expõe a sermos percebidas como pessoas más, amarguradas, raivosas ou perigosas. Isso significa, pelo menos, que nós seremos tidas como "difíceis" ou "desagradáveis de se conviver com", o que é o suficiente para custar nossas vidas; na pior das hipóteses ser vista como má, amargurada, raivosa ou perigosa resulta em estupro, prisão, espancamento e assassinato. Concluo que só nos resta escolher como preferimos ser aniquiladas.

Outro exemplo: é comum nos Estados Unidos que mulheres, especialmente mulheres mais novas, se

encontrem num nó duplo no qual nem ser sexualmente ativa nem ser sexualmente inativa é ok. Se ela é heterossexualmente ativa, essa mulher está exposta a censura e punição por ser “sem princípios” ou uma “vadia”. A punição geralmente vem na forma de críticas ou falsos rótulos como “mulher fácil”, além de desprezo por parte de suas amigas mais contidas. Ela talvez tenha que mentir para esconder seu comportamento dos pais. Também terá que escolher entre os riscos de uma gravidez indesejada ou de perigosos contraceptivos. Por outro lado, se ela se refreia perante a atividade heterossexual, ela é constantemente assediada por homens que tentaram persuadi-la e pressiona-la a fazer sexo, mandando-a a “relaxar” e “ficar tranquila”; ela receberá rótulos como “frígida”, “nervosa”, “odiadora de homens”, “vaca” e “provocadora”. Os mesmos pais que estariam desaprovando sua atividade sexual agora estarão preocupados com sua inatividade porque isso sugere que ela não é ou não será popular, ou que não é sexualmente saudável. Ela provavelmente será acusada de lesbianismo. Se uma mulher é estuprada e até então era heterossexualmente ativa, ela será acusada de “ter gostado” (porque sua atividade demonstra que ela gosta de sexo) e se ela até então não era heterossexualmente ativa, será acusada de ter gostado (porque ela era supostamente “reprimida e frustrada”). Ambos tipos de sexualidade, ativa ou inativa, estão sujeitas a ser consideradas provas de que você queria ter sido estuprada e que, obviamente, aquilo não era um estupro de verdade. Você não pode vencer. Estamos todas num empacadas em nós duplos, presas entre opressões sistemáticas.

Mulheres são pegadas dessa forma, também, por redes de forças e barreiras que as expõem a penas, perdas ou desprezo, quer elas trabalhem em casa ou não, quer elas estejam bem de saúde ou não, tenham crianças ou não, eduquem crianças ou não, casem ou não, permaneçam casadas ou não, sendo heterossexual, lésbicas, ambos ou nenhum. Necessidades econômicas, confinamento em trabalhos em guetos raciais e/ou sexuais; assédio sexual; discriminação sexual; pressões para atender a expectativas e julgamentos sobre mulheres, esposas e mães (na sociedade como um todo, em subculturas raciais e étnicas e na cabeça de cada uma); dependência (completa ou parcial) de seus maridos, parentes ou do Estado; compromisso com idéias políticas; lealdade a grupos raciais, étnicos ou de outras “minorias”; as demandas de respeito próprio e responsabilidade para com outros. Cada um desses fatores existe em completa tensão com todos os outros, nos penalizando ou nos proibindo toda vez que escolhemos por uma opção aparentemente disponível. Sempre beliscando nossos calcanhares, claro, é um pacote infinito de pequenas coisas. Se uma mulher se veste de uma determinada forma, ela está sujeita a presumirem que essa forma pretende traduzir sua disponibilidade sexual; se uma mulher se veste de outra forma, está sujeita a ser julgada como “desleixada” ou “não feminina o suficiente”. Se uma mulher usa uma “linguagem forte”, será categorizada como uma “dama” – ela é delicadamente instituída para lidar com discursos robustos ou com as realidades as quais presumivelmente se refere.

A experiência de pessoas oprimidas é de que suas vidas são confinadas e moldadas por forças e barreiras que não são acidentais ou ocasionais e, por conseguinte, não evitáveis, mas são sistematicamente ligadas umas as outras de tal forma a pressionar indivíduos entre elas e restringi-los e penalizá-los de diferentes formas. É a experiência de ser enjaulado; todos os caminhos, todas as direções, estão bloqueados.

Jaulas. Considere a jaula de um passarinho. Se você olhar bem de perto para apenas um arame da jaula, você não consegue ver os outros. Se sua concepção do que está antes de você é determinada por esse foco míope, você poderia olhar para só um arame, pra cima e pra baixo de toda sua extensão, e ser incapaz de entender porque o passarinho não pode voar em volta do arame a qualquer momento e ir aonde ele quiser. Além disso, mesmo que, algum dia, você miopiamente inspecione cada arame, você ainda não poderá ver porque o passarinho tem dificuldade de ir além dos arames e chegar a qualquer lugar. Não há qualquer propriedade física de qualquer um dos arames, nada que o mais próximo escrutínio possa descobrir que vá revelar porque o passarinho está inibido ou prejudicado por ela, com exceção de casos acidentais. É só quando você dá um passo atrás e para de olhar para os arames microscopicamente, e então enxerga macroscopicamente toda a gaiola, que você consegue entender porque o passarinho não vai a lugar algum; daí só vai levar um instante. Não requer nenhum grande poder mental. É perfeitamente óbvio que o passarinho está rodeado por uma rede de barreiras sistemáticas, as quais nenhuma seria, sozinha, um impeditivo para esse passarinho voar, mas juntas, relacionadas umas as outras, são tão confinadoras quando as sólidas paredes de um calabouço.

Agora talvez seja possível compreender uma das razões pelas quais opressão pode ser difícil de ver e reconhecer: uma pessoa pode estudar os elementos de uma estrutura opressiva com grande dedicação e algum cuidado sem ver a estrutura como um todo, e, por tanto, sem ver ou ser capaz de entender que está olhando para uma gaiola e que há pessoas que estão enjauladas nela, pessoas cujos movimentos estão restritos, cujas vidas estão moldadas e reduzidas.

As limitações da visão microscópica rendem confusões comuns como a que diz respeito ao ritual masculino de “abrir as portas”. Esse ritual, que é extremamente difundido por todas as classes e raças, intriga muitas pessoas, algumas das quais o acham e algumas das quais não o acham ofensivo. Olhe para a cena de duas pessoas se aproximando de uma porta. O homem dá dois passos a frente e abre a porta. O homem segura a porta aberta enquanto a mulher passa. E só depois o homem passa. A porta fecha atrás deles. “Agora como”, eles inocentemente perguntam, “podem aquelas malucas daquelas mulheres libertárias dizerem que isso é opressivo? O homem removeu uma barreira para facilitar o suave e prático progresso da moça.”. Mas cada repetição desse ritual tem um lugar no padrão, nos padrões. É preciso elevar seu nível de percepção para poder entender o quadro geral.

O ritual de abertura de portas pretende ser um serviço útil, mas é de uma utilidade falsa. Isso pode ser notado ao percebermos que será realizado quer tenha ou não um sentido prático. Homens enfermos e homens sobrecarregados com pacotes irão abrir portas para mulheres sem deficiências que estão livres de encargos físicos. Homens irão se impor desajeitadamente e empurrarão todos pra chegar até a porta primeiro. O ato não é determinado por conveniência ou graça. Além disso, estes muitos numerosos atos de desnecessária ou mesma perniciosa “ajuda” ocorrem em contra-ponto a um padrão: de homens não serem úteis de muitas outras formas que poderiam ajudar verdadeiramente as mulheres.

O que as mulheres experimentam é um mundo no qual o príncipe encantado constantemente faz uma confusão sobre ser útil e prover pequenos serviços quando ajuda e serviços são de pouca ou nenhuma utilidade, mas no qual eles raramente são verdadeiros príncipes quando precisamos de assistência substancial, em tarefas difíceis ou situações de medo e terror. Não há ajuda quando há roupas (dele) para lavar; não há ajuda quando estamos digitando relatórios as quatro da manhã; não há ajuda quando estamos mediando brigas entre parentes ou entre as crianças. Não há nada mais que um aviso de que as mulheres devem ficar dentro de casa após o escurecer, acompanhadas por um homem, ou quando chega a essa situação, “deitar de bruços e aproveitar”.

Os gestos galanteadores não tem um significado prático. Seu significado é simbólico. O ritual de abertura de portas e outros serviços similares que eles nos prestam são serviços demandados apenas por pessoas que por uma razão ou outras estão incapacitadas – indispostas ou sobrecarregas. Então a mensagem é que as mulheres são incapazes. O abismo entre o que os atos oferecem e a realidade concreta do que as mulheres precisam é um veículo para a mensagem de que as reais necessidades e os reais interesses das mulheres são irrelevantes ou pouco importantes. Finalmente, esses gestos imitam o comportamento de funcionários em relação a mestres e, por tanto, as mulheres, que são em muitos aspectos as servas e guardas dos homens. A mensagem da falsa ajuda masculina é a dependência feminina, a invisibilidade ou insignificância das mulheres, o desprezo por nós.

É impossível ver o significado desses rituais se estamos focadas neles individualmente em suas particularidades, incluindo as particularidades dos indivíduos envolvidos naquele específico ritual, mais precisamente o homem e suas intenções e motivações conscientes, ou a mulher e sua percepção consciente do evento naquele momento. Parece, algumas vezes, que pessoas pegam deliberadamente a visão míope e preenchem seus olhos com ela e seus elementos microscópicos, só para não serem obrigadas a ver o macroscópico. De qualquer maneira, seja deliberadamente ou não, as pessoas podem e falham em ver a opressão das mulheres porque elas falham em ver macroscopicamente e por isso falham em enxergar os vários elementos da situação como são: sistematicamente relacionados em um esquema mais amplo.

Como a gaiola do passarinho é um fenômeno macroscópico, a opressão das situações nas quais as mulheres

vivem suas várias e diferentes vidas é também um fenômeno macroscópico. Nenhum dos dois pode ser enxergado a partir de uma perspectiva microscópica. Mas quando você vê a partir da perspectiva macroscópica você enxerga – uma rede de forças e barreiras que estão sistematicamente ligadas e que conspiram para imobilização, redução e molde das mulheres e as vidas que vivemos.

II

A imagem da gaiola nos ajuda a reconhecer um aspecto da sistemática natureza da opressão. Outro aspecto é a seleção de quem vai ocupar a gaiola, e a análise desse aspecto também nos ajuda a entender a invisibilidade da opressão das mulheres.

É enquanto mulher (ou enquanto chicana, ou enquanto negra ou asiática ou lésbica) que essa pessoa está enjaulada.

“Porque eu não posso ir ao parque? Você deixou o Jimmy ir!”

“Porque não é seguro pra meninas.”

“Eu quero ser uma secretária, não uma costureira. Eu não quero aprender a fazer vestidos.”

“Não há espaço para negros nesse mercado. Aprenda algo que vá te sustentar.”

Quando você questiona porque está sendo bloqueada, porque essa barreira está no seu caminho, a resposta não tem a ver com seu talento individual ou mérito, desvantagens ou fracassos, tem a ver com o seu pertencimento a alguma categoria entendida como “natural” ou “física”. A “habitação” da jaula não é individual mas coletiva, todos aqueles de uma determinada categoria. Se um indivíduo é oprimido, é em virtude de ser membro de um grupo ou categoria de pessoas que são sistematicamente reduzidas, moldadas e imobilizadas. Por tanto, para reconhecer que uma pessoa é oprimida, essa pessoa tem que individualmente pertencer a um grupo de um certo tipo.

Há vários fatores que podem encorajar ou inibir a percepção de pertencimento de alguma pessoa ao grupo ou categoria em questão aqui. Em particular, parece razoável supor que se um dos dispositivos de restrição e definição de um grupo oprimido é o de confinamento físico e segregação, o confinamento e a separação iriam encorajar o reconhecimento daquele grupo enquanto um grupo. Isso iria, então, encorajar o foco macroscópico que nos permite reconhecer a opressão e encoraja a identidade dos indivíduos e, por tanto, a solidariedade com outros indivíduos daquele mesmo grupo ou categoria. Mas o confinamento físico e a segregação do grupo enquanto um grupo não é comum a todas as estruturas de opressão, e quando um grupo oprimido é geograficamente e demograficamente disperso a percepção desse grupo enquanto um grupo é inibida. Talvez haja pouco ou nenhum fator nas situações dos indivíduos que encoraje a visão macroscópica que poderia revelar a unidade da estrutura pressionando para baixo todos os membros daquele grupo.*

(* Assimilação forçada é, na realidade, uma das políticas disponíveis para um grupo opressor para reduzir ou aniquilar outro grupo. Essa tática é usada pelo governo dos Estados Unidos com os americanos indianos.)

Um grande número de pessoas, mulheres e homens de todas as etnias e classes, simplesmente não acreditam que mulher é uma categoria de pessoas oprimidas, e eu acho que isso se deve em parte porque eles vem sendo enganados pela dispersão e assimilação das mulheres em todo e para todos os sistemas de classe e raça que organizam os homens. Ou simplesmente ser dispersa torna mais difícil para as mulheres ter conhecimento umas sobre as outras e por tanto dificulta o reconhecimento de que estamos presas em gaiolas com formatos muito similares. A dispersão e a assimilação das mulheres através das classes econômicas e raças também nos divide umas contra as outras de forma prática e econômica e, por tanto, atribui interesses para a incapacidade de ver: para algumas, a inveja de seus benefícios, e para outras, o

ressentimento das vantagens de outros.

Para superar isso, ajuda perceber que, de fato, mulheres de todas as raças e classes estão juntas em um gueto de classificações. Não há um lugar das mulheres, um setor, que é habitado por mulheres de todas as classes e raças, isso não é definido pelos limites geográficos mas pela função. A função está a serviço ao homem e aos interesses dos homens. São os homens que as definem, e isso inclui a criação e a educação dos filhos. Os detalhes do serviço e da condição de trabalho variam de acordo com raça e classe, porque homens de diferentes raças e classes tem interesses diferentes, percebem seus interesses de formas diferentes e expressam suas necessidades e demandas em diferentes retóricas, dialetos e linguagens. Mas também existem algumas constantes.

Seja na baixa, média ou alta classe, na esfera doméstica ou de trabalho remunerado fora de casa, o serviço da mulher sempre inclui o serviço pessoal (o trabalho de baba, cozinheira, secretária)*, serviço sexual (incluindo provisões para as necessidades sexuais do genital do homem e a criação de seus filhos, mas também incluindo “ser legal”, “ser atraente”, etc) e o serviço de ego (encorajamento, suporte, dedicação, atenção). O serviço da mulher também é caracterizado em todos os lugares pela fatal combinação de responsabilidade e falta de poder/autoridade: nós somos responsáveis pelo bons resultados e rumos de nossos homens e crianças em quase todos os aspectos, mas ainda assim nós não temos nenhum poder para realizar esses projetos. Os detalhes das subjetividades dessas experiências de servitude são locais. Eles variam de acordo com a classe econômica, raça, e tradições étnicas bem como as personalidades dos homens em questão. Assim são também os detalhes das forças que forçam nossa tolerância a essa servidão em particular, para as diferentes situações nas quais as mulheres vivem e trabalham.

(*Em classes mais altas mulheres talvez não façam todos esses tipos de trabalhos, mas geralmente ainda sim são responsáveis por contratar e supervisionar aquelas que o fazem. Esses serviços então ainda são, nesses casos, responsabilidade da mulher).

Tudo isso não quer dizer que as mulheres não tem que, afirmam e gerenciam, por vezes, para satisfazer nossos próprios interesses, nem negar que em alguns casos e, em alguns aspectos, interesses independentes das mulheres se sobrepõem aos dos homens. Mas em todos os níveis de raça/classe e até mesmo através das linhas de raça/classe, homens não servem as mulheres como mulheres servem aos homens. “Esfera feminina” talvez seja entendido como “setor de serviços”, levando essa expressão a um nível muito mais amplo e profundo em relação ao que geralmente é habitual nas discussões sobre economia.

III

Parece ser da condição humana que em um grau ou outro nós todos sofremos de frustrações e limitações, nós todos encontramos barreiras indesejáveis, e nós todos somos prejudicados e machucados de diferentes formas. Tendo em vista que somos uma espécie social, quase todos os nossos comportamentos e atividades são estruturados por muito mais que uma tendência pessoal ou condições do nosso planeta e sua atmosfera. Nenhum ser humano está livre das estruturas sociais, e nem mesmo, talvez, felicidade esteja nessa liberdade. Estruturas consistem em limites e barreiras; em um conjunto de estruturas algumas mudanças e alterações são possíveis, outras não. Se alguém está procurando por uma desculpa para diluir a palavra opressão, pode se utilizar do fato de que uma estrutura social atinge a todos para dizer que todos somos oprimidos. Mas se essa pessoa prefere esclarecer o que a opressão é o que não é, então precisa resolver os sofrimentos, danos e limitações e descobrir quais são os elementos de opressão e quais não são.

A partir do que eu já disse, está claro que se uma pessoa quer determinar se um sofrimento, dor ou limitação particular é parte de uma opressão, essa pessoa precisa olhar para todo o contexto a fim de dizer se se trata de um elemento dentro de uma estrutura opressiva; essa pessoa precisa ver se esse elemento é parte de uma estrutura sólida de forças e barreiras que tendem a imobilizar e reduzir um grupo ou categoria de pessoa; essa pessoa tem que observar como essa barreira ou força se encaixa com outras; e a quem essa barreira ou força beneficia, em detrimento de quem ela funciona. Assim que essa pessoa olhar

para essas mostras, se torna obvio que nem tudo que frustra ou limita alguém é opressivo, e nem todo mal ou dano se deve ou contribui para uma opressão.

Se um playboy branco e rico que vive da renda de seus investimentos em minas de diamantes na África do Sul quebra sua perna em um acidente de esqui em Aspen e tem que esperar, com dor, numa nevasca de horas antes de ser resgatado, nós assumimos que, naquele período, ele sofreu. Mas seu sofrimento tem um fim; sua perna é reparada pelo melhor cirurgião que o dinheiro consegue comprar e ele logo vai estar se recuperando em uma suíte bebendo Chivas Regal. Nada nessa cena sugere que há uma estrutura de barreiras e forças. Ele é parte de vários grupos opressores e não se torna de repente oprimido porque está em situação de injúria e sentindo dor. Mesmo se o acidente tivesse sido causado pela negligência maliciosa de alguém, e por tanto alguém pudesse levar a culpa por isso e ser moralmente responsabilizado, essa pessoa ainda sim não seria um agente de opressão.

Outro exemplo: as fronteiras dos guetos raciais em uma cidade americana servem até certo ponto para impedir pessoas brancas de entrarem bem como para evitar que os moradores do gueto saiam. Um cidadão branco talvez se sinta frustrado ou privado porque ele ou ela não pode passear e curtir a aura “exótica” de uma cultura “estrangeira”, ou fazer compras a baixos custos nos shoppings do gueto. Na verdade, a própria existência do gueto, da segregação racial, priva a pessoa branca de conhecimento e fere o personagem dela ou dele ao consolidar injustificáveis sentimentos de superioridade. Mas isso não faz com que a pessoa branca dessa situação seja pertencente a uma raça oprimida ou seja uma pessoa oprimida por sua raça. Você deve olhar para a barreira. Ela limita as atividades e o acesso daqueles que estão nos dois lados dela (embora em diferentes níveis). Mas ela é produto da intenção, planejamento e ação de pessoas brancas pelo benefício de pessoas brancas, para assegurar e manter privilégios que estão disponíveis apenas para pessoas brancas num geral, e membros desse grupo dominante e privilegiado. Ainda que a existência da barreira resulte em algumas consequências ruins para as pessoas brancas, a barreira não existe em uma sistemática relação com outras barreiras e forças formando uma estrutura opressiva para os brancos; na verdade, é exatamente ao contrário. É parte da estrutura que oprime moradores do gueto e por então protege e garante interesses das pessoas brancas e sua cultura branca enquanto dominante. Essa barreira não é opressiva aos brancos, ainda que seja uma barreira para os brancos.

Barreiras têm significados diferentes para aqueles que estão em lados opostos delas, ainda que sejam barreiras para ambos. As paredes físicas de uma prisão são tão eficazes para impedir alguém de fora de entrar quanto para deixar alguém de dentro sair, mas para aqueles que estão dentro elas significam confinamento e limitação, enquanto para aqueles que estão de fora elas significam proteção daquilo que essas pessoas consideram ameaças, que se materializam na idéia da liberdade das pessoas de dentro de todo o mal ou ansiedade. Uma série de barreiras e forças sociais e econômicas que separam esses grupos talvez sejam sentidas, de forma dolorosa, pelos membros de ambos os grupos, e ainda assim eles significam confinamento para uns e liberdade e alargamento de oportunidade para outros.

O setor de serviço das esposas/mães/assistentes/meninas é quase que exclusivamente um setor de mulheres; seus limites não só enclausuram as mulheres, mas mantêm os homens fora. Alguns homens às vezes encontram essa barreira e experimentam-na como uma restrição aos seus movimentos, suas atividades, ao controle que tem sobre suas próprias escolhas e “estilo de vida”. Se pensarmos que eles talvez gostem daquele estilo de vida (que eles provavelmente imaginam ser livre de estresses, alienações e trabalho duro), e se sentem privados já que lhes parece tão restrito a homens, eles então anunciam que descobriram ser oprimidos, também, pelos papéis de gênero. Mas essa barreira foi erguida e é mantida pelos homens, em benefício dos homens. Consiste em forças e pressões culturais e econômicas em uma cultura e economia controlada pelos homens para que, em todos os níveis econômicos e em todas as subculturas raciais e étnicas, tradições e mesmo nas ideologias de liberação do trabalho, ao menos a cultura e economia local estejam sob controle dos homens.*

(*É claro que isso é complicado por fatores de raça e classe. Machismo e políticas “fraternidade negra” parecem ajudar a manter homens negros e latinos no controle de mais dinheiro que mulheres negras e latinas; mas, ainda assim, a economia mais ampla continua sob o controle do homem branco.)

Os limites que os mantém separados da esfera feminina são mantidos e promovidos por homens em benefício dos homens, e os homens se beneficiam de sua existência, até mesmo homens que esbarram nessa barreira e reclamam de tal inconveniência. Essa barreira está protegendo a sua classificação e seu status enquanto homem, de superior, de ter garantido seu direito a acessar sexualmente uma mulher ou a mulheres num geral. Essa barreira protege um tipo de cidadania que é superior à das mulheres de sua classe e raça, protege o seu acesso a um patamar extenso de trabalhos com melhor remuneração e não só isso como status mais altos dentro do mercado, e seu direito a preferir ficar desempregado a se submeter à degradação de desempenhar trabalhos de status mais baixo ou trabalhos tidos como “femininos”.

Se a vida ou atividade de uma pessoa é afetada por alguma força ou barreira que essa pessoa encontra, não se deve concluir que aquela pessoa é oprimida simplesmente porque ela encontra essa força ou barreira; nem só porque o encontro é desagradável, frustrante ou doloroso àquela pessoa naquele momento; nem só porque a existência da barreira ou força, ou o processo que mantém ou aplica ele, serve a privação daquela pessoa a algo de valor. Deve-se olhar para a força ou barreira e responder algumas questões sobre ela. Quem a constrói e quem a mantém? Aos interesses de quem a existência dela serve? Ela é parte de uma estrutura que tende a confinar, reduzir e imobilizar algum grupo? É esse indivíduo um membro do tal grupo? Uma pessoa pode encontrar ou viver com várias forças, barreiras e limitações sem que elas necessariamente pertençam a uma estrutura opressiva, e se elas pertencem, essa pessoa pode estar ou do lado do opressor ou do lado do oprimido, e isso não pode ser determinado pelo quão alto ou quão baixo essa pessoa reclama.

IV

Muitas das retenções e limitações que vivenciamos são internalizadas (em níveis diferentes) e monitoradas por nós mesmas. São parte de nossa adaptação aos requerimentos e expectativas impostas pelas necessidades, gostos e tiranias dos outros. Eu tenho em minha mente tais coisas como: as posturas restritas das mulheres e seus avanços atenuados, e a restrição emocional dos homens (exceto quando se trata de raiva). Quem ganha o que da prática dessas disciplinas, e quem impõe as penas quando relaxamos e quebramos as regras? Quais são as recompensas por bom comportamento?

Os homens podem chorar? Sim, em companhia de mulheres. Se um homem não pode chorar, certamente é na companhia de outros homens. São os homens, não as mulheres, que requerem tal característica uns dos outros. Um homem que mantém-se resistente ou descontraído (todas são formas que sugerem invulnerabilidade) passa a ser tido como um membro da comunidade masculina e passa a ser estimado pelos outros homens. Isso é bom, e esse homem poderá se sentir bem consigo mesmo. Consequentemente, a manutenção daquele comportamento pode contribuir para a auto-estima desse homem. A forma como essas restrições se encaixam nas estruturas das vidas desses homens é que os comportamentos sociais requeridos são tais que, se cumpridos, contribuem para o aceite e respeito perante outros significativos e contribuem também para sua própria auto-estima. É em seu próprio benefício que eles praticam essa disciplina.

Considere, só para efeito de comparação, a disciplina das rigorosas posturas físicas de uma mulher. Essa disciplina pode ser deixada um pouco de lado na companhia de outras mulheres, geralmente é mais vigorosa na companhia dos homens. * Mas assim como as retenções emocionais dos homens, as retenções físicas das mulheres são requeridas pelos homens. Mas ao contrário das retenções emocionais dos homens, as retenções físicas das mulheres não dão recompensas. O que ganhamos com isso? Respeito, estima e aceitação? Não. Eles zombam de nós e fazem paródias das nossas falhas. Nós parecemos fracas, incompetentes, bobas e geralmente desprezíveis. Nosso exercício dessa disciplina tende a abaixar nossa estima e nossa auto-estima. Não nos beneficia. Se encaixa numa rede de comportamento através das quais nós constantemente anunciamos aos outros nosso pertencimento a uma suposta casta mais alta e nossa falta de vontade e/ou inabilidade de defender nossa integridade física e moral. É degradante e parte do padrão de degradação.

Os comportamentos aceitáveis para ambos os grupos, homens e mulheres, envolvem retenções que parecem em si mesmo bobas e talvez um tanto quanto danosas. Mas os efeitos sociais são drasticamente diferentes. As retenções das mulheres são parte de uma estrutura opressiva às mulheres, as restrições dos homens são parte de uma estrutura opressiva às mulheres.

(*C.F., "Let's take back OUT space: "Female" and "Male" body language as a Result of Patriarchal Structures, por Marianne Wex (Frauenliteratureverlag Hermine Fees, West Germany, 1979), especialmente pg. 173. Esse notável livro apresenta literalmente centenas de fotos de homens e mulheres, em publico, sentados, de pé e deitados. Ele vivamente demonstra as várias sistemáticas diferenças entre as posturas e gestos dos homens e mulheres.)

V

Alguém é marcado para sofrer as pressões opressivas por causa de seu pertencimento a um grupo ou categoria. A maior parte do sofrimento e frustração daquela pessoa se deve ao fato de que aquela pessoa pertence àquela categoria. Nesse caso em específico, é essa a categoria que tratamos, mulher. Ser uma mulher é um fator de peso quando falamos sobre não termos trabalhos melhores que os nossos; ser uma mulher me faz uma provável vítima de assédio ou abuso sexual; é eu ser mulher que reduz o poder da minha raiva a uma mera prova da minha insanidade. Se uma mulher tem pouco ou nenhum poder econômico ou político, ou alcança apenas uma pequena parte daquilo que ela quer alcançar, um grande e significativo fator nisso é que ela é uma mulher. Para qualquer mulher de qualquer raça ou classe econômica, ser uma mulher está significativamente ligado a qualquer desvantagens ou privações que ela sofra, sejam elas grandes ou pequenas.

Não é o caso quando estamos falando de um homem. Simplesmente ser um homem não é o que se coloca entre ele e um emprego melhor; seja lá quais sejam os assédios ou abusos que ele esteja sujeito a, ser um homem não é o que o faz a vítima perfeita; ser um homem não transforma sua raiva em impotência – bem ao contrário, na verdade. Se um homem tem pouco ou nenhum poder material ou político, ou alcança apenas parte daquilo que ele quer alcançar, ser um homem não faz parte da explicação. Ser um homem é algo que ele tem a seu favor, ainda que talvez raça, classe, idade ou deficiência esteja contra ele.

Mulheres são oprimidas enquanto mulheres. Membros de um certo grupo ou classe racial e/ou econômica, ambos homens e mulheres, são oprimidos enquanto membros daqueles grupos ou classes raciais e/ou econômicas. Mas homens não são oprimidos enquanto homens.

... e não é estranho pensarmos que já estivemos confusas e mistificadas em relação a algo tão simples?

NOTAS

Esse exemplo foi tirado de "Daddy Was A Number Runner", de Louise Meriwether (Prentice-Hall, Englewood Cliffs, New Jersey, 1970), p.144.

Texto original: <http://feministtheoryreadinggroup.wordpress.com/2010/11/23/marylyn-frye-the-politics-of-reality-oppression/>

Tradução: A.M., de www.materialfeministatraduzido.tumblr.com